

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS**

LÍNIKER VINICIUS LOPES DA ROSA

**KETU TRÊS É AQUI: UMA ANÁLISE DO AFROFUTURISMO NA LITERATURA  
BRASILEIRA A PARTIR DAS OBRAS DE FÁBIO KABRAL**

PORTO ALEGRE

2021

LÍNIKER VINICIUS LOPES DA ROSA

**KETU TRÊS É AQUI: UMA ANÁLISE DO AFROFUTURISMO NA LITERATURA  
BRASILEIRA A PARTIR DAS OBRAS DE FÁBIO KABRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Letras -  
Tradutor Português e Inglês – pelo curso de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander  
Coorientador: Ms. Tiago Rodrigues da Costa

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos Bulhões

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmen Luci Costa e Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Fabiana Hennies Brigidi

[Espaço para Inserção da Ficha Catalográfica]

LÍNIKER VINICIUS LOPES DA ROSA

**KETU TRÊS É AQUI: UMA ANÁLISE DO AFROFUTURISMO NA  
LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DAS OBRAS DE FÁBIO KABRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Letras - Tradutor Português e  
Inglês – pelo curso de Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 22 de novembro de 2021.  
Resultado: Aprovada com conceito A

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Luiz Maurício Azevedo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Ian Alexander (orientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Me. Tiago Rodrigues da Costa (coorientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Dedico este trabalho a todos os  
homens e mulheres  
negros e negras que lutaram e  
morreram para que hoje eu  
pudesse ter a oportunidade e o  
direito de escrevê-lo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim mesmo, pois a trajetória de autoaceitação pela qual passei durante a graduação foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Se aceitar como homem gay, enfrentando preconceitos da própria família e da sociedade foi a atitude mais corajosa que eu já tomei na vida. Sou grato por não ter desistido de mim, por ter descoberto uma força que eu não sabia que tinha para me amar e lutar pelo direito de ser quem sou.

Agradeço também às minhas irmãs, Lu e Lili, pois sem elas eu não teria me reerguido. Sem o apoio delas, talvez eu nem estivesse aqui hoje para escrever esse trabalho. Vocês duas foram os únicos pontos de luz que me guiaram para fora dos momentos mais sombrios que eu já passei. Nunca esqueçam que eu as amo e estarei sempre aqui por vocês.

Agradeço ao meu noivo, Wanderson, por ser o amor da minha vida. Por ser sempre gentil e paciente comigo e com todos à sua volta. Por ter tido a coragem de parar de se esconder do mundo para viver uma história comigo. Eu me tornei tão mais feliz depois que eu o conheci e mesmo depois de todo esse tempo, meu pretinho, eu ainda sou muito a fim de você.

Agradeço aos meus pais, Ana e Vinícius, que nunca nos deixaram faltar nada, mesmo criando dois filhos (posteriormente três) em uma humilde casinha de dois cômodos. Quero que saibam que, mesmo que vocês tenham falhado no momento que eu mais precisei, eu os amo muito. Como eu já lhe escrevi um dia, mãe, eu posso suportar o ódio do mundo inteiro por ser quem sou, mas não conseguiria suportar o ódio de vocês dois. Obrigado, mãe e pai, por sempre me incentivarem a ser um homem melhor, responsável e de caráter. Obrigado pelo carinho e o amor de vocês por mim e pelas minhas irmãs.

Agradeço também aos demais membros da minha família. Meus sobrinhos, Andinho, Leon e Samuel, por trazerem tanta alegria à minha vida e a de todos à sua volta. Às minhas avós, Guelda e Jurema, a primeira por ser um exemplo de força e determinação e a segunda, que eu chamava de “vó querida”, por todo o carinho e amor que teve por mim enquanto ainda estava entre nós. Ao meu cunhado e compadre, Ed, por ser um excelente marido e pai para a minha irmã e sobrinho. À minha irmã de coração, Larissa, e meu cunhado de coração, Érico, pelo apoio e ótima companhia. Aos meus sogros, Jane e Mino, por terem me recebido em sua

família de braços abertos e terem me tratado como um de seus filhos. Às minhas cunhadas e compadre, Mariene, Jayne e Anderson, pelo apoio financeiro e emocional nos momentos difíceis. Ao meu tio Roberto, que apesar de estar morando longe, sempre me apoiou e tratou com carinho.

Agradeço também aos poucos, mas queridos amigos que fiz durante minha graduação e que me ajudaram a passar pelos perrengues da vida universitária. Agradeço à Clarinha, minha madrinha de curso e leitora dos meus textos. Ao Cyrano, meu colega de bolsa e amigo que ficou para a vida. À Marina e Marcos, pelos trabalhos em conjunto e pelos momentos de desespero que nos arrancaram boas risadas depois. Aos amigos Thiago e Hyziel pelas companhias, conversas e idas ao cinema.

Agradeço também ao PEAC (Projeto Educacional Alternativa Cidadã), à sua coordenação e a todos os professores, bolsistas e demais funcionários que já fizeram parte dele. Ter tido a oportunidade de fazer parte desse projeto foi vital para minha construção como pessoa e para que eu conseguisse enxergar a educação como uma ferramenta indispensável para transformar a vida das pessoas e do país em que vivemos.

Não posso deixar de agradecer também ao meu orientador, professor Ian, por ser uma pessoa incrível, bondosa e atenciosa, que trata seus alunos de uma forma sempre tão humana e empática. Infelizmente, tivemos pouquíssimos momentos juntos em sala de aula (duas semanas, eu acho), mas mesmo no EAD você foi um grande apoio. Agradeço também ao meu coorientador, Tiago, por ter sido tão dedicado e atencioso comigo durante a escrita desse trabalho. Sou grato, amigo, pelas nossas trocas de ideias e reflexões sobre esse trabalho e a vida.

Serei eternamente grato a todos vocês!

“The place in which I’ll fit will not exist until I make it.”

(James Baldwin)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir questões relacionadas à representatividade negra e de sua cultura na literatura. Assim como, reforçar a importância do movimento Afrofuturista para uma literatura mais inclusiva racialmente. A abordagem desse tema será feita através de uma análise da jornada da personagem Jamila Olabamiji, protagonista do romance *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* de Fábio Kabral. Além disso, para ajudar a conduzir essa discussão, a teoria da Jornada do Herói e comparações com outras obras de fantasia e ficção científica serão utilizadas.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo. Literatura. *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*. Representatividade. Jornada do Herói.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss issues related to black representation and its culture in literature. As well as reinforcing the importance of the Afrofuturist movement for a more racially inclusive literature. The approach to this theme will be made through an analysis of the journey of the character Jamila Olabamiji, protagonist of the novel *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* by Fábio Kabral. In addition, to help drive this discussion, The Hero's Journey theory and comparisons with other works of fantasy and science fiction will be used.

Keywords: Afrofuturism. Literature. *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*. Representativeness. Hero's Journey.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do álbum The Lost Arkestra Series (Vol 1 & 2) de Sun Ra.....	19
Figura 2 - Frame do álbum visual Black IS King De Beyoncé .....	20
Figura 3 - Foto do elenco de Pantera Negra caracterizado.....	21
Figura 4 - Os 12 passos da Jornada do Herói.....	26
Figura 5 - Beijo entre os personagens da Marvel.....	30
Figura 6 - Desenho do Orixá Ogum .....	36
<b>Figura 7 - Desenho de Jamila Olabamiji.....</b>	<b>36</b>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	12
3. O AFROFUTURISMO .....	17
3.1. O AFROFUTURISMO E SUAS MANIFESTAÇÕES.....	18
3.2. O AFROFUTURISMO NA LITERATURA .....	21
4. A CIENTISTA GUERREIRA DO FACÃO FURIOSO .....	23
5. A JORNADA DO HERÓI DE JAMILA OLABAMIJI.....	25
6. O INÍCIO DA JORNADA.....	28
7. O PROTAGONISMO DE UM PERSONAGEM HOMOSSEXUAL .....	29
8. O CHAMADO DE OGUM .....	32
9. ANCESTRALIDADE E LINHAGEM: FILHOS DOS ORIXÁS .....	33
10. JOÃO AROLÊ: O CAÇADOR CIBERNÉTICO E O GRUPO REBELDE.....	38
11. O FANTÁSTICO E DIVERSO MUNDO DE KETU TRÊS .....	38
12. A BELEZA NEGRA E A RUPTURA DOS PADRÕES DE BELEZA.....	40
13. A INICIAÇÃO E O FACÃO DE OGUM .....	42
14. O FIM DA JORNADA.....	43
15. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura fantástica se tornou um dos gêneros mais populares nos últimos tempos. É inegável a popularidade desse tipo de leitura, principalmente entre o público infanto-juvenil. Livros de séries como *Harry Potter*, *Jogos Vorazes* ou *A Guerra dos Tronos* são sucesso de vendas e exercem grande influência na cultura popular mundial<sup>1</sup>, tendo suas histórias adaptadas para outros tipos de mídia, como o cinema e a televisão. Existem inúmeras características no gênero fantástico que contribuem para o seu sucesso entre os leitores. Pode-se destacar, por exemplo, sua capacidade de criar uma conexão entre o mundo real e o sobrenatural. O fantástico nada mais é do que uma oscilação entre a realidade e o imaginário (TODOROV, 2004). Afinal, esse é um gênero literário que nos permite embarcar em narrativas que conseguem mesclar nossas vivências reais e imaginárias. Uma era medieval habitada por dragões, uma escola moderna povoada por bruxos, ou um mundo baseado em sociedades distópicas, nada mais são do que inserções desse imaginário em um contexto real.

A literatura fantástica nos possibilita poder viajar através de incontáveis realidades, como se fossemos viajantes do tempo. Essa característica, de poder transportar o leitor através das eras, nos dá a oportunidade de visitar inúmeras possibilidades de passado, presente ou futuro. Sendo uma das diversas subdivisões do gênero fantástico (TODOROV, 1980,1981), as obras de ficção científica, muitas vezes, costumam adotar temas futuristas em suas narrativas. Esse tipo de narrativa geralmente aborda temas como viagens no tempo e no espaço, vida extraterrestre, naves espaciais, robôs, impérios galácticos, tecnologias, cataclismas, apocalipses, além de utopias e distopias. Exemplos da abordagem desses temas estão presentes em diversos clássicos literários, como em *Eu Sou a Lenda* (Richard Matheson), que narra a história do último sobrevivente humano no mundo após uma doença transformar o resto da raça humana em vampiros. Outro exemplo é o épico *Duna* (Frank Herbert), que narra um confronto político entre famílias nobres de seres

---

<sup>1</sup> Levo em conta aqui

o que no Brasil é considerado cultura pop, ou seja, em sua maioria, cultura estadunidense e europeia. O uso do termo “cultura pop mundial”, neste trecho, entende a visão eurocêntrica que a maior parte dos brasileiros têm em relação à cultura.

humanos que deixaram a terra para colonizar outro planeta. Assim como nos exemplos citados acima, grande parte das obras de ficção científica busca imaginar os incontáveis rumos que a sociedade humana pode vir a tomar daqui a alguns ou muitos anos.

Atendo-se a esse caráter imagético das obras fantásticas e de ficção científica, algo pouco percebido para a maioria dos leitores é a forma como esse tipo de obra imagina e representa a sociedade humana no futuro. Os cenários sociais são variados; desde sociedades pós-apocalípticas até tecnológicas, os contextos possíveis para essas histórias são quase ilimitados. Contudo, a diversidade, na maior parte dessas narrativas, não vai muito além. O futuro imaginado na maioria dessas obras é habitado quase que unicamente por um grupo específico de pessoas: brancos e heterossexuais.

Mesmo sendo um homem negro, homossexual, que sempre teve a oportunidade de consumir literatura, em especial as do gênero fantástico (em sua maioria, de ficção científica), foi somente ao alcançar a idade adulta que comecei a dar a devida atenção à falta de diversidade nas obras que eu lia desde a infância. Personagens não brancos e não heterossexuais quase não existiam e, quando existiam, eram meros coadjuvantes, retratados de forma estereotipada (racista) e sem profundidade alguma, tanto nas obras de Monteiro Lobato (1882), através de personagens como Tia Nastácia e Tio Barnabé, quanto na franquia *Harry Potter*, da escritora Britânica J.K. Rowling (1965). Mas, para além de todas essas questões, o fato mais chocante para mim em relação às narrativas sobre o futuro foi que na maioria das histórias que eu lia, não havia pessoas como eu. Foi uma sensação de incômodo e frustração pensar que a maior parte dos contadores dessas histórias não imaginava um futuro onde pessoas como eu existissem.

A partir de todas minhas reflexões envolvendo raça, sexualidade e literatura, iniciei uma busca por obras literárias que, de alguma forma, pudessem saciar minha sede por representatividade. Foi durante esse percurso que me deparei com o conceito Afrofuturismo: movimento cultural, estético e filosófico combinado a elementos de ficção científica, história e fantasia na intenção de criar e reinventar narrativas sobre o povo negro. O movimento afrofuturista é apresentado através de diversas manifestações artísticas, como na música, na moda, no cinema, no teatro, na literatura, entre outros. Afrofuturismo é o movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da ótica negra (Kabral,

2020). O impacto que o movimento afrofuturista causou em mim foi parecido com o de um despertar. Como se eu, pela primeira vez na vida, sentisse que era possível me imaginar no futuro. Em um momento, estava adormecido em narrativas das quais eu nunca poderia fazer parte e, de repente, fui acordado por histórias em que eu era relevante, em que eu existia. O Afrofuturismo me mostrou um novo ponto de vista a respeito do ato de ler e me ensinou a enxergar a literatura através de uma perspectiva completamente diferente, menos eurocêntrica e homofóbica. É em relação a todas essas descobertas que esse trabalho pretende analisar a Jornada da Heroína Jamila Olabamiji, protagonista do romance *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, do escritor brasileiro Fábio Kabral. Os objetivos principais são discutir questões relacionadas à representatividade do negro e de sua cultura na literatura e reforçar a importância do movimento Afrofuturista para uma literatura mais racialmente inclusiva.

## **2 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA**

Uma questão que sempre orbitou meus pensamentos, desde a adolescência, e que se intensificou ainda mais, a partir do momento em que eu iniciei minha graduação em Letras na UFRGS, foi: qual o papel do negro na literatura brasileira? Ao ler os inúmeros romances clássicos da literatura brasileira exigidos, não só durante o ensino médio e o vestibular, como também durante a graduação, eu me deparava com quase nenhuma representação de indivíduos negros brasileiros nessas obras. Como pontua Duarte (2013, p.147): “Enquanto personagem, o negro ocupa um lugar menor na literatura brasileira. Na prosa, é um lugar muitas vezes inexpressivo, quase sempre de coadjuvante ou, mais acentuadamente no caso dos homens, de vilão”.

Pode se dizer, então, que os poucos personagens negros que figuravam na maior parte das obras eram retratados quase como fantasmas, alegorias históricas, que os escritores inseriam em seus livros unicamente para conceder mais realismo a sua narrativa. O negro, para maior parte dos escritores brasileiros entre os séculos XIX e XX, funcionava apenas como um contexto histórico, um plano de fundo para ilustrar as narrativas de seus personagens brancos. Penso que, na perspectiva deles, o negro, sendo escravo ou livre, não era como qualquer outro cidadão brasileiro e por isso não era digno de relevância em suas histórias. Isso porque a

ideia de superioridade racial branca fazia (e talvez ainda faça) parte do pensamento da maioria dos escritores brancos, como afirma Jean-Yves Mérian:

A questão racial esteve profundamente ligada ao debate sobre a identidade nacional e o conceito de nação tanto na imprensa como no romance da época realista e naturalista. A ideologia de superioridade da raça branca, ilustrada pelos discípulos de Darwin, assim como por Spencer, por Auguste Comte ou por Gobineau, não era combatida por nenhum intelectual e escritor brasileiro. A verdadeira, a única civilização era a europeia. A barbárie era africana, que dizer dos índios, cientificamente fadados ao desaparecimento. (MÉRIAN, 2008, p. 52).

Entretanto, existem personagens negros em clássicos brasileiros que cruzaram as fronteiras, deixando de serem meros coadjuvantes para ganharem um papel relevante em algumas narrativas. Contudo, em muitos casos, tais personagens acabavam tornando-se um retrato estereotipado e sem sua identidade negra, como se, para que tivesse uma narrativa relevante contada sobre si, o personagem negro precisasse abrir mão de sua cultura e se encaixar em determinados padrões de comportamento do que, segundo a branquitude, um negro deveria seguir. Exemplos dessas questões identitárias levantadas aqui podem ser observados em obras como *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, na qual a protagonista, Isaura, é uma mulher negra, porém moldada pelos padrões estéticos e culturais brancos da época, causando um embranquecimento da personagem. Há também os inúmeros estereótipos sociais criados em torno da identidade negra nacional que, de certa forma, muitas vezes foram reforçados em obras literárias brasileiras. Posso trazer como exemplo o clássico *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que apresenta uma narrativa repleta de personagens negros e com certa relevância para história, porém, retratados de forma extremamente estereotipada. A personagem Rita Baiana, uma das personagens femininas de destaque na obra, é uma mulher negra retratada de maneira sexualizada, sendo vítima de objetificação sexual por parte dos homens brancos, criando, assim, o estereótipo da perversão sexual acerca das mulheres negras, como aponta Eduardo de Assis Duarte:

É, entretanto, um protagonismo marcado, em muitos casos, pela permanência, na ante cena textual, do mesmo projeto de desumanização que subjaz à estereotipia. Ele se manifesta em construções que ressaltam, por exemplo, a sensualidade e a disponibilidade para o sexo sem compromissos ou consequências, novamente de acordo com imagens sociais determinadas a priori, como a da “mulata assanhada” entre outras (DUARTE, 2013, p.147).

Outro exemplo de tal estereotipação relacionada a personagens negros pode ser observado em *O bom crioulo* (1894), de Adolfo Caminha, que dá contornos animais, agressivos e assassinos ao personagem título, um homem negro e homossexual. Todas essas características dadas ao personagem acabam reforçando as concepções racistas acerca dos homens negros na sociedade brasileira, contribuindo ainda mais para o racismo e a marginalização desses homens e mulheres.

A falta de escritores e leitores negros, resultado de um Estado brasileiro que forjou e normalizou juridicamente a exclusão da população negra das políticas educacionais (PASSOS, 2012), pode ser uma explicação plausível para a falta de protagonismo negro nas obras literárias brasileiras. Além disso, essa escassez de autores negros também é um fator determinante para a maneira como os poucos personagens negros são retratados, de forma desumana e estereotipada. Essa falta de representatividade está completamente ligada ao silenciamento do povo negro e de sua cultura pela elite branca brasileira, que por muito tempo criou certa “padronização” do que deveria ser aceito socialmente, como afirma Eduardo de Assis Duarte:

Examinados os manuais – componente significativo dos mecanismos estabelecidos de canonização literária –, verifica-se a quase completa ausência de autores negros, fato que não apenas configura nossa literatura como branca, mas aponta igualmente para critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época. (DUARTE, 2013, p.146).

Considerando todos os empecilhos criados em relação aos textos escritos por pessoas negras ao decorrer da história literária brasileira, ainda existem escritores negros de destaque. São poucos, considerando que negros e pardos hoje fazem parte de mais da metade da população brasileira e tal número já era expressivo um século atrás. Contudo, a maior parte desses autores conquistou certo destaque justamente por se manter dentro desse padrão eurocêntrico de literatura já estabelecido. A maior parte deles, salvo algumas exceções, mantinha uma atitude neutra em relação aos mitos de superioridade branca da época, como afirma Jean-Yves Mérian:

Nenhum intelectual ou escritor, mesmo mulato escuro ou negro, salvo poucas exceções, como Luís Gama entre 1860 e 1880, Lima Barreto e Cruz e Souza no começo do século XX, se atreveu a criticar ou sobretudo a questionar a “verdade” da superioridade do branco e da civilização europeia. A suposta verdade científica, que tornou-se ideologia e mito, era ilustrada nos romances principalmente por personagens que encarnavam todos os estereótipos aos quais aludimos. (MÉRIAN, 2008, p. 53).

Com o passar dos anos e com os mitos de superioridade branca e de democracia racial brasileira sendo, aos poucos, contestados socialmente – tudo isso devido, em grande parte, às constantes lutas do povo negro por igualdade e reconhecimento de sua cultura – o número de autores negros, embora lentamente, passou por um aumento, fazendo com que esses autores ganhassem mais espaço na literatura brasileira do final século XX até o início do século XXI. Alguns exemplos, como Carlos Machado, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Miriam Alves, Nina Rizzi, entre outros, conquistaram destaque com suas obras. Contudo, o número de escritores e personagens negros ainda é muito pouco se comparados aos escritores e personagens brancos. Como aponta a pesquisadora Regina Dalcastagnè na pesquisa “*Personagens do romance brasileiro contemporâneo*”, em que atuou como coordenadora: “são brancos 93,9% dos autores e autoras estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e os “não brancos”, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,4%)” (DALCASTAGNÈ, 2005). A pesquisa analisou 258 romances de autores brasileiros publicados pelas três mais importantes editoras do país entre 1990 e 2004, levantando dados não só quanto à etnia dos escritores, mas também dos personagens das obras, chegando às seguintes informações:

A personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não-branca importante. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca. E dois livros, sozinhos, respondem por mais de 20% das personagens negras. (DALCASTAGNÈ, 2005, p.44)

Além disso, a pesquisa também analisou fatores como a quantidade de personagens negros que exercem papel de protagonista ou narrador nas obras. Com isso, Dalcastagnè e sua equipe chegaram aos seguintes dados:

Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; embora em proporção menos drástica, uma redução similar ocorre no caso dos mestiços. Assim, os brancos não apenas

compõem a ampla maioria das personagens identificadas no corpus; eles quase monopolizam as posições de maior visibilidade e de voz própria. (DALCASTAGNÉ, 2005, p.46)

Em relação a todos esses dados apresentados, é possível pensar que eles sejam a evidência de que certos pensamentos arcaicos, de supremacia branca e marginalização de outras raças continuam vigentes na sociedade brasileira, mesmo no século XXI. Assim como no passado, a literatura atual ainda reflete o apagamento e o estereótipo em relação aos indivíduos não brancos brasileiros, como aponta Eduardo de Assis Duarte:

Como se vê, o texto contemporâneo reproduz, em grande medida, a atitude predominante no romance brasileiro de todos os tempos: o sequestro do negro enquanto individualidade pensante, guardião de uma memória tanto individual quanto familiar ou comunitária; o sequestro do negro enquanto voz narrativa, expressa na primeira pessoa do singular, com as prerrogativas inerentes ao desnudamento da subjetividade em todos os seus aspectos; e o sequestro, por fim, da própria humanidade inerente à maioria dos brasileiros ao retratá-los sob a moldura estreita ditada pelo estereótipo e pelos metarrelatos da cordialidade e da democracia racial. (DUARTE, 2013 p.148).

Mesmo que não tenha sido nada fácil a luta do povo negro por direitos, não só políticos e sociais, como também artísticos e culturais, aos poucos foram sendo criadas formas de existência em meio à sociedade extremamente racista em que vivemos. Apesar de todas as tentativas de nos silenciar, extinguir e apagar, o negro encontrou formas de se fazer presente através de inúmeros movimentos, visando nosso reconhecimento como seres humanos livres, pensantes e culturalmente ricos. Foi dessa forma – e não apenas no Brasil – que surgiu o movimento conhecido como *Afrofuturismo*, responsável por enaltecer o indivíduo negro e sua cultura através da arte, tendo surgido, principalmente através da literatura. Pessoalmente falando, a descoberta do Afrofuturismo foi como o despertar de uma nova esperança para mim como homem negro. Pela primeira vez, eu senti que era possível imaginar um futuro onde eu existia, onde pessoas como eu existiam, não só existiam como eram prósperos, livres, sem amarras, sem embranquecimentos, sem estereótipos. Foi através das páginas das histórias afrofuturistas que eu consegui enxergar em personagens negros, protagonistas e coadjuvantes, uma característica básica que nos foi retirada em centenas de outras obras que eu já havia lido: a humanidade.

### 3 O AFROFUTURISMO

Uma das principais questões levantadas por mim como justificativa para a escrita desse trabalho é: onde está e qual é o papel do indivíduo negro na literatura? Pergunta essa que também permeou os pensamentos do crítico cultural e filósofo Mark Dery, em seu ensaio “*Black to the Future*”, de 1990. Neste ensaio, ao se perguntar onde estariam os escritores negros e negras de ficção científica, em um período literário marcado por importantes obras do gênero, Dery entrevista três autores negros: Tricia Rose, Samuel R. Delany e Greg Tate na tentativa de encontrar uma resposta para essa pergunta. É a partir desse ensaio que o filósofo cria o termo Afrofuturismo, uma forma de “caracterizar as criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa” (FREITAS e MESSIAS, 2018, p. 405).

Nos últimos trinta anos, desde a criação do conceito afrofuturista por Mark Dery, diversas novas definições para o termo foram surgindo à medida que artistas e intelectuais negros foram se apropriando, por assim dizer, do conceito, tendo em vista que Dery é um homem branco. Isso acabou tornando o termo Afrofuturismo uma forma de caracterizar os movimentos artísticos e culturais criados por artistas negros. Um exemplo de redefinição para o conceito Afrofuturismo pode ser encontrado no artigo “*Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism*”, da pesquisadora Lisa Yaszek, onde ela define o conceito como “ficção especulativa ou ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos. É um movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e pesquisa científica” (Yaszek, 2013, tradução minha)<sup>2</sup>. Essa mesma definição dada por Yaszek é levantada pelos pesquisadores brasileiros Kênia Freitas e José Messias em seu artigo “*O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente*”. Kênia, que em entrevista para o canal do Youtube “*Alma Preta Jornalismo*”, define o conceito como “essa ideia de juntar a ficção especulativa com o protagonismo negro, a experiência negra dentro das narrativas”, levanta nesse artigo escrito em parceria com José algumas outras redefinições do conceito

---

<sup>2</sup> No original: Afrofuturism is speculative fiction or science fiction written by both Afrodiasporic and African authors. It's a global aesthetic movement that encompasses art, film, literature, music, and scholarship.

Afrofuturismo, através da opinião de diversos autores negros diferentes, além de Yaszek. Por exemplo, a definição dada pela autora e cineasta Ytasha Womack (2015, p.30, apud FREITAS e MESSIAS, 2018, p.408), que descreve o Afrofuturismo como “uma reelaboração total do passado e uma especulação do futuro repleta de críticas culturais [...], uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação”. Essa definição construída por Womack expande ainda mais o conceito afrofuturista, que passa a ser não somente uma forma de imaginar novas possibilidades de futuro, mas também de reinventar o passado do povo negro. Segundo Kênia, quando falamos de ficção especulativa, não estamos falando unicamente de imaginar possibilidades de futuro para pessoas negras, mas também formas de fabular sobre o presente, ou reimaginar o passado (FREITAS 2019). Para ela, as histórias afrofuturistas “são obras e narrativas que especulam sobre o que poderá ser, sobre o que poderia ter sido e como poderia ser agora” (FREITAS 2019).

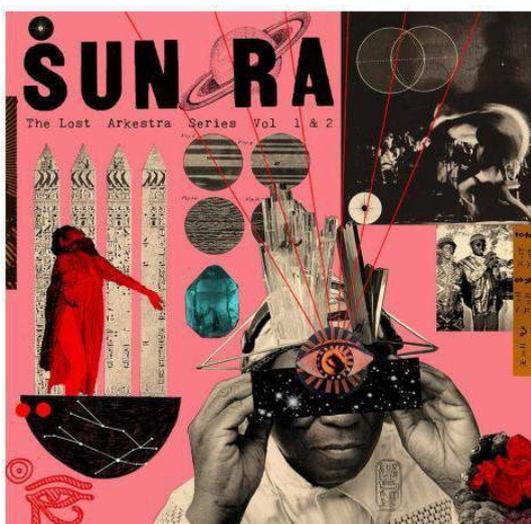
### 3.1 O AFROFUTURISMO E SUAS MANIFESTAÇÕES

Apesar de Mark Dery ter sido responsável pela “criação” do termo “Afrofuturismo”, as primeiras manifestações artísticas desse movimento surgiram no final da década de cinquenta, bem antes dos estudos realizados por Dery em meados dos anos noventa. As características afrofuturistas podem ser observadas através da moda, da literatura, do cinema, entre outros meios. Vindos da música, os primeiros registros de arte afrofuturista através do trabalho de artistas como Sun Ra, George Clinton e Grace Jones, sendo esse primeiro uma das maiores referências quando se fala de Afrofuturismo no meio musical, ao mesclar ficção científica e mitologia egípcia na composição estética de seus álbuns, como aponta a pesquisadora Raquel Lima:

A partir de meados dos anos 1950, Herman Sonny Blount, que mais tarde mudaria oficialmente o seu nome para Sun Ra, incorporou imagens futuristas, elaborou trajes espaciais e sons sugerindo visões de uma futura utopia espacial nas suas performances e álbuns. A sua visão estética, espiritual e política foi adornada com imagens fantásticas de viagens intergalácticas, e as suas composições tinham títulos igualmente sugestivos de mundos antigos e um futuro utópico no qual as lutas e divisões sociais e raciais actuais teriam sido superadas, e a condição de privação de espiritualidade da humanidade actual transcendida. (LIMA, 2019, p.10)

Atualmente, o Afrofuturismo ganhou ainda mais força no cenário musical, tendo se manifestado através das obras de diversos artistas, como Janelle Monáe, Ellen Oléria, Karol Conká e Beyoncé, que basearam seus trabalhos mais recentes no conceito afrofuturista. Beyoncé, inclusive, é responsável pelo aclamado álbum visual *Black is King*, lançado em julho de 2020, que recria a história do filme *Rei Leão* (1994/2019), colocando pessoas negras como protagonistas da narrativa. Nas Figuras 1 e 2 temos, respectivamente, exemplos da estética afrofuturista aplicada à capa do álbum *The Lost Arkestra Series (Vol 1 & 2)* de Sun Ra e em um frame do álbum visual *Black is King* de Beyoncé.

FIGURA 1: CAPA DO ÁLBUM THE LOST ARKESTRA SERIES (VOL 1 & 2) DE SUN RA



Fonte: Site DeeJay.de<sup>3</sup>

FIGURA 2: FRAME DO ÁLBUM VISUAL BLACK IS KING DE BEYONCÉ

<sup>3</sup> Disponível em:

<[https://www.deejay.de/Sun\\_Ra\\_And\\_His\\_Myth\\_Science\\_Solar\\_Arkestra\\_Lost\\_Ark\\_Series\\_Vol\\_1\\_%26\\_2\\_ARTYARD-102EP-TRIP\\_Vinyl\\_\\_278171](https://www.deejay.de/Sun_Ra_And_His_Myth_Science_Solar_Arkestra_Lost_Ark_Series_Vol_1_%26_2_ARTYARD-102EP-TRIP_Vinyl__278171)>. Acesso em: 08 Set. 2021.



Fonte: Serviço de Streaming Disney Plus

Apesar de ter se manifestado muito cedo, através principalmente da música e da literatura, o Afrofuturismo demorou um pouco para tomar conta das telas do cinema, tendo em vista os custos elevados exigidos para se alcançar as grandes telas. Mesmo com a existência de alguns longa e curta metragens do gênero, como *Space Is The Place* (1974), dirigido por John Coney e escrito por Sun Ra, *O último Anjo da História* (1996), dirigido por John Akomfrah, ou o brasileiro *Branco Sai, Preto Fica* (2015), de Adirley Queirós, foi apenas em 2018, com o lançamento de *Pantera Negra* (2018), que uma obra cinematográfica afrofuturista conquistou as grandes bilheteiras mundiais. O super-herói Pantera Negra, criado pelo escritor e editor Stan Lee e pelo escritor e ilustrador Jack Kirby, foi apresentado ao público na década de sessenta através das histórias em quadrinhos da *Marvel Comics*. O personagem, que além de super-herói também é rei da fictícia Wakanda, um país africano nunca colonizado e altamente avançado tecnologicamente, precisa usar seus poderes e tecnologias para manter seu reino a salvo do mundo exterior. Após a inserção de Pantera Negra no Universo Cinematográfico Marvel, através no filme *Capitão América: Guerra Civil* (2016), a Marvel Studios decidiu investir ainda mais no personagem, lançando assim seu primeiro filme solo em fevereiro de 2018. Dirigido por Ryan Coogler, *Pantera Negra* bateu diversos recordes nas bilheteiras mundiais, figurando, atualmente, entre as quinze maiores bilheteiras de todos os tempos. Além disso, o longa foi aclamado pela crítica especializada, sendo nomeado e vencendo inúmeras premiações importantes, como o Globo de Ouro e o Oscar, sendo neste último o primeiro filme do gênero de super-heróis a ser indicado na categoria de melhor filme. Mas, ainda que Pantera Negra não tenha vencido na categoria

principal, o longa acabou se saindo vencedor em três categorias da premiação: Melhor Figurino, Design de Produção e Trilha Sonora. Categorias técnicas, onde os artistas, se inspiraram na estética afrofuturista do Reino de Wakanda, assim como nos quadrinhos, dando ao longa conceitos visuais e sonoros únicos, completamente diferentes do que se via, até então nas grandes produções hollywoodianas. A Figura 3 ilustra a estética afrofuturista presente em *Pantera Negra*, através de um ensaio realizado com o elenco caracterizado como seus personagens no longa.

FIGURA 3: FOTO DE ELENCO DE PANTERA NEGRA CARACTERIZADO



Fonte: Site FSR<sup>4</sup>

### 3.2 O AFROFUTURISMO NA LITERATURA

O Afrofuturismo e todas suas possibilidades de reinventar e imaginar a realidade do povo negro se manifesta de diversas formas, como pudemos ver. Porém, apesar da expressividade conquistada pelos trabalhos cinematográficos e musicais do gênero, a literatura continua sendo o maior exemplo de manifestação do conceito afrofuturista. Assim como na música e no cinema, as características afrofuturistas já apareciam em obras literárias mesmo antes de Mark Dery surgir com o termo, sendo a autora Octavia E. Butler (1947) uma das precursoras do gênero, considerada por muitos a “mãe” do Afrofuturismo. Butler lançou obras como *Filhos*

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://filmschoolrejects.com/black-panther-set-introduce-different-worldview-marvel/>>. Acesso em: 08 Set. 2021.

de *Sangue e Outras Histórias* (1995), *Kindred* (1979) e *A Parábola do Semeador* (1993), entre outras, mesclando a realidade negra americana com elementos fantásticos, como viagem no tempo e viagens intergalácticas. Em *Filhos de Sangue*, a autora narra a história de humanos que deixam a terra para colonizar outros mundos; contudo, ao chegarem a um planeta habitado por uma raça de insetos humanóides, os humanos acabam enfrentando um regime escravista seguido por um conturbado período de readaptação ao serem libertos e terem que lutar por seus direitos. Apesar de narrar um futuro nada otimista, a obra, segundo Lisa Yaszek:

De certa forma, é uma história profundamente desconfortável, mas é também uma história esperançosa - afinal, "Filhos de Sangue" termina muito como uma história clássica de Hollywood, com nossa protagonista "mulher-inseto" e seu amante humano presos em um tipo de abraço romântico, que, com certeza, os levará a uma nova geração de descendentes e, sugere Butler, uma nova e melhor ordem mundial. (YASZEK, 2013, tradução minha)<sup>5</sup>

Outro autor pioneiro quando falamos de Afrofuturismo é W.E.B. Du Bois, um dos precursores da *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor) (NAACP) de 1909. Du Bois também foi um grande ativista dos direitos sociais e raciais, sendo um dos principais fundadores do *Movimento Niágara*<sup>6</sup>, além de ser um dos mais importantes defensores do movimento pan-africanista<sup>7</sup>, ajudando a organizar congressos para defender a libertação das colônias africanas da exploração europeia. Apesar de grande parte de suas obras transitarem entre história e sociologia, Du Bois também passeou pelo campo da poesia e das narrativas ficcionais, sempre abordando temas como preconceito racial e identidade negra. Um dos seus trabalhos mais importantes dentro do gênero de ficção especulativa é a obra *Darkwater: Voices from Within the Veil* (Água escura: Vozes de dentro do véu), de 1920, que reúne um conjunto de contos e ensaios sobre questões como raça e gênero. Dentro da obra, destaca-se o conto "The Comet" (O Cometa), que se passa em uma Nova York devastada após a

<sup>5</sup> No original: In some ways it's a profoundly uncomfortable story, but it's also a hopeful one – after all, "Bloodchild" ends much like a classic Hollywood story, with our female bug protagonist and her human male lover locked in the kind of romantic embrace that is sure to lead to a new generation of offspring and, Butler suggests, a new and better world order.

<sup>6</sup> O *Niagara Movement* (Movimento Niágara) foi uma organização de direitos políticos dos negros fundado em 1905.

<sup>7</sup> O pan-africanismo é um movimento que propõe a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional.

colisão de um cometa com o planeta Terra. Nesse contexto pós-apocalíptico, um homem negro e uma mulher branca são os últimos humanos sobreviventes e precisam lidar com questões raciais e de classe para sobreviverem.

Além de Octavia Butler e Du Bois, outra autora de destaque no campo da ficção especulativa negra é Nnedi Okorafor, estadunidense de ascendência nigeriana, escritora de obras como a trilogia *Binti*, sobre uma menina que abandona sua família para viajar através das estrelas para frequentar a Universidade Oomza, localizada em outro planeta, e *Bruxa Akata*, que conta a jornada de quatro crianças Nigerianas que fazem parte de um grupo de pessoas com dons “mágicos”, chamadas de pessoas-leopardo. Pode-se citar também a escritora Tomi Adeyemi, também estadunidense de ascendência nigeriana, e sua trilogia *O legado de Orisha*, que conta história do mundo *Orisha*, antigamente habitado por um povo conhecido como "Majis", dotado de poderes mágicos, mas oprimido e obrigado a se esconder quando um rei tirano e não Maji assume o poder. Como representantes brasileiros do Afrofuturismo, destaco a escritora Lu Ain-Zaila, que traz em sua obra *Sankofia: breves histórias sobre Afrofuturismo* uma série de contos que envolve ancestralidade negra e Afrofuturismo. Há também o escritor Fábio Kabral e suas obras *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* e *O Caçador Cibernético da Rua 13*, que se passam na metrópole fictícia de *Ketu Três*, completamente inspirada na estética afrofuturista, assim como o reino de Wakanda em Pantera Negra.

#### **4 A CIENTISTA GUERREIRA DO FACÃO FURIOSO**

“Lar de um povo melaninado, filhos dos Orixás; uma metrópole governada por sacerdotisas-empresárias e tecnologias fantásticas movidas a fantasmas”, é assim que Fábio Kabral descreve *Ketu Três*, cenário da fantástica aventura vivida pela adolescente Jamila Olabamiji em seu romance *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* (Malê, 2019). A abordagem dos elementos afrofuturistas se destaca em suas obras, sendo uma das principais marcas do escritor, fazendo dele uma referência quando se fala de literatura afrofuturista brasileira. Criador do gênero literário *Macumbapunk* (termo criado pelo próprio autor para classificar suas próprias obras) e co-fundador do site *O Lado Negro da Força*, que tem como objetivo promover e fomentar a presença negra na cultura pop, Kabral lançou, além de *A Cientista*

*Guerreira do Facão Furioso*, mais dois livros: *Ritos de passagem* (Giostri, 2014) e o *O Caçador Cibernético da Rua 13* (Malê, 2017). Tendo esse último a história de seu protagonista completamente interligada a de Jamila, as três obras focam nos gêneros de fantasia e ficção especulativa negra.

Narrada em primeira pessoa, *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* convida o leitor a conhecer a fantástica e tecnológica metrópole chamada Ketu Três, através da perspectiva de sua protagonista, Jamila Olabamiji. A narrativa, que apresenta seus acontecimentos de uma forma não linear, desloca Jamila, uma menina de quinze anos, com seus dilemas adolescentes envolvendo namoro e bullying na escola, para uma trama alucinante sobre ancestralidade, amadurecimento e autoconhecimento. Jamila começa sua jornada como uma menina extremamente inteligente, porém um pouco insegura, que passa boa parte de seu tempo trancada em seu quarto, cercada de computadores e notebooks, trabalhando em desenvolver novas tecnologias, que um dia farão dela a maior engenheira de Ketu Três. Contudo, para sua infelicidade, ela não pode ficar trancada o dia inteiro trabalhando em seus projetos tecnológicos, no humilde e pequeno apartamento em que ela e seu pai moram; é preciso que ela vá à escola como todo adolescente na sua idade. Jamila, mesmo contrariada por se considerar inteligente demais para o colégio Agboola, precisa frequentar a instituição que seu pai trabalha em três empregos para pagar, tendo que enfrentar todos os dias as provocações de seu maior inimigo, Pedro Olawuwo, menino que a persegue e intimida. Mas, apesar das dificuldades que enfrenta, a vida amorosa da protagonista fora dos corredores da escola traz uma leveza para a história, a partir do momento em que Jamila começa seu primeiro namoro com Fernanda Adaramola, uma linda menina que tem o poder de ler mentes e vem de uma das mais ricas e prestigiadas famílias de Ketu Três.

A vida levada por Jamila, que, até então, não parecia muito diferente da de outras pessoas da sua idade, muda drasticamente quando ela começa a passar por misteriosas demonstrações de poder. A pequena e “magrela” filha de Ogum passa de uma menina aparentemente frágil a uma fera, indomável e imparável, com um poderoso grito capaz de partir o mundo ao meio. É nesse ponto da história que a menina recebe ajuda de João Arolê, Nina Onixé e os outros membros do grupo rebelde Onixé (personagens apresentados em *O Caçador Cibernético da Rua 13*), que se unem a ela para que juntos descubram a verdade por trás dos poderes da menina. Mas, uma vez que Jamila se torna um membro desse grupo, ela também se

torna uma rebelde e junto a eles precisa combater não somente monstros originados de espíritos dos aparelhos tecnológicos, mas também as tentativas de dominação social das grandes corporações da metrópole.

*A Cientista Guerreira do Facão Furioso* é uma fantástica aventura de autodescoberta e amadurecimento. Uma narrativa frenética que une estética negra, elementos de ficção e tecnologia de uma forma encantadora. Mais um exemplo de como o Afrofuturismo nada mais é que um reflexo de como o indivíduo negro enxerga a si mesmo na sociedade.

“Eu, que sou um homem negro, leitor de quadrinhos e RPGs, jogador de videogames, leitor de várias ficções e de teorias afrocêntricas, e iniciado no Candomblé, expressei toda essa carga de vivências e estudos nos romances e histórias que escrevo. Isso é Afrofuturismo”<sup>8</sup> (KABRAL, 2017).

## 5 A JORNADA DO HERÓI DE JAMILA OLABAMIJI

O conceito Jornada do Herói, criado pelo antropólogo, mitologista e escritor estadunidense Joseph Campbell (1904), surgiu de seus estudos sobre mitos e religiões de diversas civilizações diferentes. A partir de suas pesquisas, Campbell encontrou um padrão nas narrativas heroicas, como se a trajetória dos personagens protagonistas seguisse uma fórmula para serem contadas. Diante dessas descobertas, Campbell lançou seu livro *O Herói de Mil Faces* (1949), que estrutura a Jornada do Herói em dezessete etapas, divididas em três fases principais: a partida, a iniciação e o retorno. Mais tarde, na década de oitenta, o roteirista Christopher Vogler (1949), que trabalhava para os Estúdios Walt Disney, na tentativa de criar a fórmula para se contar uma boa história, acabou se deparando com os conceitos sugeridos por Campbell e a partir dos estudos realizados por ele, escreveu o guia *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores* (1992). Em seu guia, Vogler fez algumas adaptações ao modelo de Jornada do Herói criado por Campbell, tornando seu modelo uma referência para a indústria cinematográfica, influenciando inúmeras obras como a franquia de ficção científica *Star War*. A Figura 4 ilustra o

---

<sup>8</sup> definição atribuída ao Afrofuturismo por Kabral em entrevista ao site CartaCapital em Novembro de 2017.

modelo criado por Vogler que, diferente do de Campbell, se estrutura em doze etapas.

FIGURA 4: OS 12 PASSOS DA JORNADA DO HERÓI



Fonte: Site Terapia de Bolso<sup>9</sup>

O modelo de Jornada do Herói criado por Joseph Campbell e posteriormente adaptado por Christopher Vogler pode ser observado em inúmeras obras literárias e cinematográficas, como na trajetória do protagonista Luke Skywalker<sup>10</sup> da já citada franquia *Star Wars*, que se encaixa perfeitamente nessa fórmula. Além de Luke, personagens famosos como Harry Potter<sup>11</sup>, Bilbo Bolseiro e Frodo Bolseiro<sup>12</sup> ou Katniss Everdeen<sup>13</sup>, dentre outros, são alguns exemplos onde se pode observar a Jornada do Herói aplicada à trajetória dos protagonistas.

Ainda que o modelo de Jornada do Herói criado por Campbell tenha se tornado famoso e uma referência para diversos autores, existem também inúmeras críticas a respeito dessa teoria. Tendo em vista que alguns teóricos apontam as

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://blog.terapiadebolso.com.br/os-12-passos-da-jornada-do-heroi-representacao-psicologica/>>. Acesso em: 08 Set. 2021.

<sup>10</sup> Luke Skywalker foi protagonista dos episódios IV, V e VI da franquia *Star Wars*, lançados em 1977, 1980 e 1983 respectivamente.

<sup>11</sup> Harry Potter é protagonista da franquia *Harry Potter* de J.K. Rowling (1965).

<sup>12</sup> Bilbo Bolseiro e Frodo são protagonistas das franquias *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien (1892).

<sup>13</sup> Katniss Everdeen é protagonista da franquia *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins (1962).

referências eurocêntricas usadas por Campbell ao criar sua teoria, bem como a grande maioria dos heróis estudados por ele ser homens brancos, o que faz o conceito de Campbell ser, segundo Sarah E. Bond e Joel Christensen:

(...) toxicamente masculino, com um ponto de vista heteronormativo que muitas vezes marginaliza outras vozes e corpos. Apesar de alguns heróis negros nos últimos anos, a descendência narrativa de Campbell geralmente era branca e masculina. Quando transformamos as mulheres em heróis, frequentemente evitamos ou silenciemos sua sexualidade e capacidade de dar à luz (como no caso de Buffy, a Caçadora de Vampiros) e as tornamos essencialmente masculinas. Quando escalamos atrizes e atores negros como heróis novos ou clássicos, a raiva e a rejeição do público mostram que o racismo é uma característica e não um bug de um jogo heróico. (BOND e CHRISTENSEN, 2021, tradução minha)<sup>14</sup>

Levando em consideração a influência da teoria da Jornada do Herói criada por Campbell e, mais especificamente, sua adaptação feita por Vogler, como também as críticas feitas a ela, esse trabalho pretende utilizar as principais etapas da Jornada do Herói para analisar a trajetória da heroína e protagonista Jamila Olabamiji, ainda que a narrativa apresente os acontecimentos de forma não linear. Assim como apontar os momentos em que é possível observar a Jornada do Herói sendo aplicada à narrativa, como também os momentos em que ela é subvertida, substituindo a imagem do herói homem, heterossexual e branco e dando espaço a uma heroína negra e homossexual de um mundo futurista, que eleva a cultura e a estética negra a um lugar de destaque.

---

<sup>14</sup> No original: (...) toxically masculine, heteronormative point of view that often marginalizes other voices and bodies. Despite some heroes of color in recent years, Campbell's narrative offspring have generally been white and male. When we make heroes of women, we often sidestep or mute their sexuality and capacity to give birth (as in the case of Buffy the Vampire Slayer) and render them essentially masculine. When we cast Black stars as classic or new heroes, audience rage and rejection show that racism is a feature and not a bug of the heroic game.

## 6 O INÍCIO DA JORNADA

A primeira etapa da Jornada do Herói é chamada de “Mundo Comum” e serve para apresentar quem é esse herói e como funciona seu cotidiano. Na maior parte das histórias, esse protagonista é colocado em uma rotina simples e nada extraordinária para que, dessa forma, o leitor possa se identificar com o personagem principal. Em Harry Potter, por exemplo, antes de se tornar um bruxo e embarcar em diversas aventuras, o protagonista nos é apresentado apenas como um menino comum, um órfão que foi deixado ainda bebê na porta da casa de seus tios e que cresce sendo maltratado por eles. Iniciar a trajetória do herói dessa forma acaba criando um vínculo de empatia entre público e personagem, trazendo humanidade a ele. Estabelecer essa conexão é fundamental para que o leitor compre a sua história e se identifique com ele, como aponta Sandra Venâncio Kezen Buchaul:

O herói é um ser transitório, uma personalidade quase mágica que nos fascina porque personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso identificamo-nos com ele. A luta heróica possibilita a superação dos medos, compensação das mágoas, humilhações e a expressão da raiva. É a transcendência dos impulsos em busca da totalidade ou “significado”. (BUCHAUL, 2009, p. 06)

Assim como Harry Potter, Jamila Olabamiji também é apresentada ao leitor como uma menina comum que, apesar de ser extremamente inteligente, a princípio pode ser vista apenas como uma pessoa normal. Seu cotidiano é apresentado como algo corriqueiro a qualquer leitor adolescente, ainda que a narrativa seja ambientada em uma realidade futurista. Os dilemas que permeiam os pensamentos da protagonista, no começo da história, são comuns para alguém de sua idade, como a procura pela própria identidade, o bullying sofrido por ela na escola, um romance ou os sonhos que ela pretende alcançar na idade adulta. Um início típico de uma Jornada do Herói, mas que ganha contornos completamente diferentes em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, tendo em vista que, diferente da maior parte das obras fantásticas, a protagonista aqui é uma menina negra e homossexual. Não quero dizer, é claro, que um leitor que tenha características semelhantes às de Jamila não possa se identificar com os milhares de personagens homens, brancos e heterossexuais já existentes, até porque a humanização dos personagens nos permite essa empatia. Entretanto, não posso afirmar, enquanto leitor adolescente da

saga Harry Potter que um dia fui, que eu era capaz de me enxergar no protagonista, ou na realidade em que ele se encontrava, até porque, Hogwarts<sup>15</sup> parecia branca demais para alguém como eu.

## 7 O PROTAGONISMO DE UM PERSONAGEM HOMOSSEXUAL

Assim como é difícil encontrar personagens negros e não estereotipados na literatura brasileira, também é raro nos depararmos com a existência de personagens não heterossexuais na maior parte das obras. O apagamento sofrido pelas pessoas negras nas páginas dos livros também foi sofrido por outras minorias sociais<sup>16</sup>, como os homossexuais que, segundo a pesquisa já citada, realizada por Regina Dalcastagnè (2005), eram quase nulos se comparados aos heterossexuais que figuravam em noventa por cento das obras pesquisadas (DALCASTAGNÈ, 2005). A visibilidade da homossexualidade feminina era ainda mais inexpressiva que a masculina, tendo em vista que “entre as homossexuais, há uma nítida predominância de personagens do sexo masculino (79,2%)” (DALCASTAGNÈ, 2005).

Para além do apagamento sofrido por personagens não heterossexuais em obras literárias, os poucos autores que decidem incorporar diversidade sexual em suas narrativas ainda precisam enfrentar episódios de intolerância e boicote em relação a esses personagens. Um exemplo desse tipo de intolerância repercutiu bastante pelas redes sociais no Brasil, em meados de 2019, quando o prefeito do Rio de Janeiro determinou que a revista em quadrinhos *Vingadores: A cruzada das crianças* (2012), da Marvel Comics, fosse retirada da Bienal do Livro, realizada na capital. O motivo da tentativa de censura à obra era pela mesma trazer em uma de suas páginas a imagem de dois super-heróis homossexuais se beijando, como pode ser visto na Figura 5.

---

<sup>15</sup> Hogwarts é uma escola de magia e bruxaria onde Harry Potter e seus amigos estudam. Sendo palco principal da saga de livros Harry Potter.

<sup>16</sup> Entende-se por minorias sociais aqueles grupos de pessoas que são excluídos e marginalizados perante a sociedade por diversos motivos como raça, gênero, sexualidade, classe social, religião e não-religião.

FIGURA 5: BEIJO ENTRE OS PERSONAGENS DA MARVEL



Fonte: Site Exame.<sup>17</sup>

Mas ainda que ataques homofóbicos<sup>18</sup> aconteçam, existe um “efeito contrário”, que pode ser um indício de que, apesar de uma parcela da sociedade ainda ser intolerante às narrativas sobre personagens homossexuais, existe uma contraparte de leitores que parece estar aberta a essa diversidade. Fato é que a revista *Vingadores: A cruzada das crianças*, foi um sucesso de vendas durante a Bienal<sup>19</sup>.

Reações positivas do público, pelo menos de uma grande parte, e o sucesso nas vendas acabaram trazendo visibilidade para obras que contam narrativas sobre personagens minoritários, aumentando o número de obras contendo narrativas sobre tais personagens. Contudo, algumas vezes essa “inclusão” de diversidade, seja no cinema, na televisão ou na literatura, ainda é feita de maneira “sutil” e “tímida”, dando a entender que muitos autores usam da diversidade em suas obras apenas para atrair o público, sem a real preocupação com a questão da representatividade. Essa “inclusão” irresponsável acaba repetindo erros passados e transformando personagens minoritários em meros coadjuvantes, figuras estereotipadas ou em personagens que, segundo os autores, são representantes de uma minoria, mas que, na realidade, não representam nada além da heterossexualidade de sempre. Um exemplo desse fenômeno de representação que nada representa pode ser observado na saga *Harry Potter* depois da autora J.K. Rowling ter revelado a homossexualidade do personagem Alvo Dumbledore para um

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://exame.com/brasil/fiscais-sao-vaiados-ao-buscarem-exemplares-de-hq-com-beijo-gay-na-bienal/>>. Acesso em: 08 Set. 2021.

<sup>18</sup> A homofobia é caracterizada por atitudes, sentimentos negativos, discriminação e preconceito contra homossexuais.

<sup>19</sup> Segundo a organização da Bienal do Livro a revista *Vingadores: A cruzada das crianças*, teve seus estoques esgotados durante o evento.

grupo de fãs em uma sessão de autógrafos do último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, em meados de 2007. Após a revelação da autora sobre a sexualidade de um dos personagens mais importantes da saga, muitas discussões surgiram a respeito do porquê de a autora ter escondido a identidade do diretor de Hogwarts por tanto tempo, sendo que em nenhum dos sete livros da franquia sua sexualidade é explorada, diferentemente dos personagens heterossexuais que em nenhum momento tiveram sua sexualidade escondida do público. Em relação a isso, pode-se criar algumas hipóteses, como a de que Rowling escondeu a homossexualidade do personagem para evitar o boicote aos seus livros, tendo em vista a época em que eles foram lançados<sup>20</sup>. Porém, outra hipótese é de que a autora tenha “tornado” o personagem homossexual antes do lançamento dos últimos livros para atender as demandas por diversidade vindas do público, tendo em vista que em nenhum momento a sexualidade do personagem foi de fato abordada durante a história. Outro fato que corrobora para essa última hipótese são as acusações de transfobia<sup>21</sup> envolvendo a autora, que surgiram após diversos *tweets* feitos por ela em meados de 2020, onde, segundo uma parcela do público, ela negava a existência de pessoas transgêneras. O caso envolvendo Rowling e a “representatividade” na saga *Harry Potter* traz um ponto relevante para as discussões sobre representatividade. Afinal, a representatividade precisa ser feita com um propósito e não apenas por demanda.

Na realidade afrofuturista apresentada por Kabral em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, não somente o negro e sua cultura se tornam o centro da história, como também os diversos gêneros e sexualidades que uma pessoa negra pode ter ganham destaque e são vistos de forma natural pela sociedade de Ketu Três. Essa naturalidade em relação à diversidade sexual dos personagens aparece, principalmente, através da relação amorosa entre a protagonista Jamila e sua namorada Fernanda Adaramola. Desde o primeiro encontro entre as duas até as interações entre elas ao decorrer da história, o relacionamento entre as duas meninas é tratado com delicadeza e sensibilidade pelo autor, um belo exemplo de como a representatividade deve ser explorada em uma narrativa. Jamila e Fernanda são um casal homossexual, mas não foi preciso que o Kabral contasse isso para os

---

<sup>20</sup> Os sete livros da saga Harry Potter foram lançados entre 1997 e 2007.

<sup>21</sup> Transfobia são atitudes, sentimentos negativos, discriminação e preconceito contra pessoas transgêneras.

seus leitores após o lançamento do livro, e é possível chegar a essa conclusão ao acompanhar a jornada das personagens: elas foram criadas para serem o que são. Mas elas não somente homossexuais; são heroínas, guerreiras, corajosas, fortes, humanas.

## 8 O CHAMADO DE OGUM

O chamado à aventura é o segundo passo da Jornada do Herói. É nessa parte que o principal conflito da história se inicia, além de ser o momento em que o protagonista precisa tomar a decisão de embarcar ou não nessa aventura. Pode-se observar o momento em que o “chamado” acontece em quase todas as narrativas que, direta ou indiretamente, adotam a estrutura de Jornada do Herói. Em *Harry Potter*, por exemplo, o “chamado” acontece no momento em que o protagonista descobre ser um bruxo e que está prestes a iniciar seus estudos na escola de magia de Hogwarts. Enquanto que em *Star Wars*, o chamado acontece quando o protagonista da primeira trilogia, Luke Skywalker, descobre que é um cavaleiro Jedi. Na maior parte das narrativas, no momento em que é chamado para embarcar em uma aventura, o protagonista entra em um dilema moral sobre se deve atender ao chamado ou continuar a viver sua vida “comum”. Essa fase é chamada de Recusa ao Chamado, terceira fase da Jornada do Herói, e ocorre geralmente quando o protagonista não acredita ser digno dessa aventura, ou quando o mesmo tem medo dos riscos que essa aventura pode lhe trazer. Em *Harry Potter* essa recusa acontece quando Harry, por alguns minutos, reluta em acreditar ser realmente um bruxo. Em *Star Wars*, Luke se recusa a se unir ao Mestre Jedi, Obi-Wan até ter sua casa destruída e sua família assassinada.

Diferente do modelo de Vogler, em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, não há exatamente um “chamado”, nem uma oportunidade de recusa, já que, diferente dos exemplos mencionados anteriormente, Jamila não recebe um convite para viver uma aventura, ela se vê obrigada a embarcar em uma, sendo privada do seu direito de escolha. Ainda que sua recusa ao chamado apareça, através dos diversos questionamentos que a menina passa a fazer sobre si mesma, como, por exemplo, quem ela realmente é e o que de fato está acontecendo com ela. Para entender melhor os pensamentos de Jamila, é preciso conhecer um pouco de como funciona a sociedade de Ketu Três. A metrópole, que é apresentada para o leitor

como um lugar fantástico repleto de tecnologias e forças sobrenaturais, também possui em sua nação pessoas que nasceram com dons divinos, capazes de manifestar superpoderes. Essas pessoas, conhecidas como *emí-ejé*, representam 10% da população de Ketu Três, tendo herdado seus poderes através do “sangue espiritual” das divindades. Possuir esses poderes, que são relacionados aos Orixás, coloca esses indivíduos em uma posição social privilegiada na metrópole afrofuturista. É justamente no momento em que Jamila descobre ser uma *emí-ejé* e começa a manifestar seus dons que o chamado para a aventura aparece na narrativa. Contudo, diferente do que acontece com a maior parte dos protagonistas, Jamila, até então, não sabia da existência de seus poderes e, no desespero de não conseguir controlá-los, acaba destruindo uma parte da cidade. A protagonista passa de uma menina comum para uma *emí-ejé* extremamente poderosa, forte e imparável, com um grito tão poderoso, que é capaz de partir edifícios ao meio. O chamado recebido por Jamila veio do Orixá Ogum, assim como os poderes manifestados por ela.

## 9 ANCESTRALIDADE E LINHAGEM: FILHOS DOS ORIXÁS

Como já mencionado, em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, as pessoas conhecidas como *emí-ejé* possuem poderes que são relacionados às divindades conhecidas como Orixás, divindades da mitologia iorubá<sup>22</sup>, como aponta o escritor Reginaldo Prandi:

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. (PRANDI, 2000, p.27)

Os Orixás, que na cultura brasileira são cultuados através das religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, são figuras vitais para o universo criado por Kabral. O romance narra a jornada da heroína Jamila Olabamiji e tem

---

<sup>22</sup> Os iorubás são uma das maiores etnias do continente africano em termos populacionais e que, devido ao tráfico de escravos entre o séculos XV e XIX, tiveram sua cultura disseminada pelo continente americano, incluindo o Brasil.

como base principal a mitologia dos Iorubás, tendo em vista a enorme influência cultural que esses mitos exercem na vida pessoal do autor e na cultura e vida de muitos brasileiros. Mas apesar de toda a riqueza cultural que o povo Iorubá trouxe consigo para o Brasil e toda sua influência na construção cultural brasileira, a mitologia e as religiões desses povos ainda são alvo de preconceito e intolerância religiosa por grande parte da sociedade. Esses preconceitos e marginalização da cultura negra fazem parte de outra principal marca cultural brasileira, o racismo estrutural, que permanece vigente desde o período escravista no país e se manteve firme mesmo após as diversas mudanças sociais ocorridas até os dias atuais, sendo a essência não só da sociedade, como do Estado brasileiro, como afirma Humberto Bersani:

O racismo estrutural corresponde a um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. Por corresponder a uma estrutura, é fundamental destacar que o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas. (BERSANI, 2018, p.193)

As perseguições sofridas pelas religiões de matriz africana dentro da sociedade brasileira podem ser observadas também através de nossa cultura popular, devido à escassa representatividade das manifestações culturais brasileiras herdadas dos povos africanos em mídias cinematográficas e televisivas, assim como na literatura. Da mesma forma que existe pouca representatividade literária quando falamos a respeito de autores e personagens negros, como visto anteriormente, essa representação é ainda menor quando o assunto em questão são a cultura, a mitologia e as religiões do povo negro. Refletindo sobre esses fatos, através da literatura de ficção científica, me parece ainda mais evidente, que para a maior parte dos autores do gênero, não há espaço para uma identidade negra nos futuros especulativos criados por eles. Pois, da mesma forma que as pessoas não brancas não existem em suas narrativas futuristas, as culturas advindas desses povos também parecem ter sofrido algum tipo de extinção em suas histórias.

Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, a herança cultural negra não somente é abraçada como a cultura predominante dentro da sociedade negra e

futurista de Ketu Três, como também é colocada em uma posição raramente vista antes em obras literárias brasileiras, sendo elas de ficção científica ou não, de destaque, importância e respeito. Em Ketu Três, as pessoas são consideradas filhas dos Orixás, assim como na mitologia iorubá e nas religiões brasileiras inspiradas nela. Mas ainda que todas as pessoas sejam consideradas filhas de todos os Orixás, em Ketu Três cada pessoa possui uma espécie de ligação natural a um Orixá específico, como a protagonista Jamila, que é uma filha do Orixá Ogum<sup>23</sup>. Sendo uma filha de Ogum, Jamila manifesta não somente características psicológicas relacionadas a essa divindade, como também tem seus poderes inspirados no Orixá. Os poderes manifestados pela menina, como sua afinidade com a tecnologia, o espírito guerreiro, a força, o poderoso grito são todas habilidades ligadas ao Orixá caçador Ogum, como aponta Reginaldo Prandi:

Ogum governa o ferro, a metalurgia, a guerra. É o dono dos caminhos, da tecnologia e das oportunidades de realização pessoal. Foi, num tempo arcaico, o orixá da agricultura, da caça e da pesca, atividades essenciais à vida dos antigos. Assim, ele é muito próximo de Oxóssi ou Odé e outros orixás caçadores, como Erinlé ou Ibualama, Logum Edé e Otim, que são os donos da vegetação e da fauna, detendo a chave da sobrevivência do homem através do trabalho. Orixá Ocô divide com Ogum o patronato da agricultura, mas foi esquecido no Brasil, provavelmente porque aqui o candomblé se formou como religião urbana. (PRANDI, 2000, p.28)

Além de ter suas habilidades e poderes baseados em Ogum, Jamila também foi capaz de forjar seu próprio facão usando seus conhecimentos científicos e tecnológicos. O facão, que acaba se tornando a principal arma usada pela heroína no final da história, também é a principal arma ligada a Ogum, o Orixá da guerra. Sendo uma divindade que governa o ferro e a metalurgia, Ogum tinha como principal arma um poderoso facão de ferro forjado por ele mesmo. Algumas dessas semelhanças entre o Orixá e a protagonista podem ser observadas nas Figuras 6 e 7.

---

<sup>23</sup> As informações contidas nesse trecho consideram somente a mitologia abordada no romance de ficção especulativa: *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, que apesar de inspirada na mitologia iorubá, pode divergir em alguns aspectos das práticas e crenças religiosas das religiões de matriz africanas brasileiras.

FIGURAS 6 E 7: DESENHOS DO ORIXÁ OGUM E DE JAMILA OLABAMIJI



Fonte: Site Pinterest<sup>24</sup> e Twitter do autor Fábio Kabral<sup>25</sup>

Existe um considerável número de obras literárias e cinematográficas de ficção que buscam inspiração em mitologias de diversos outros povos para construir a partir delas novas histórias e narrativas. A cultura pop ocidental e eurocêntrica e seus escritores, autores, roteiristas e criadores de histórias sempre pareceram nutrir uma espécie de fascinação por mitologias de povos antigos, fato compreensível, afinal, mitologias são repletas de histórias e lendas fascinantes e com infinitas possibilidades de se recontar ou reinterpretar. Contudo, as histórias mitológicas com as quais esses produtores de conteúdo costumam trabalhar acabam se limitando a partir do momento em que apenas as mitologias de povos antigos europeus são exploradas por eles em suas histórias. Mitologias como a grega, por exemplo, têm seus mitos constantemente explorados através do cinema, histórias em quadrinhos, séries, *videogames* e livros de ficção. O mesmo acontece com as mitologias romanas e nórdicas: constantemente somos bombardeados por histórias medievais envolvendo bruxas, fadas, dragões e outras criaturas mágicas, que apesar de não serem uma criação exclusiva das mitologias desses povos, têm as versões dessas lendas contadas por eles das perspectivas mais conhecidas. Exemplos literários desse fato já foram apontados nos capítulos anteriores, como as sagas *Harry Potter*, *Jogo dos Tronos* e *O Senhor dos Anéis*. Além das criaturas mitológicas, deuses nórdicos e gregos, inclusive, acabam se tornando super-heróis através das histórias

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/777856166868823964/>>. Acesso em: 08 Set. 2021.

<sup>25</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/Ka\\_Bral/status/1247568699135086596/photo/1](https://twitter.com/Ka_Bral/status/1247568699135086596/photo/1)>. Acesso em: 08 Set. 2021.

em quadrinhos como, por exemplo, o super-herói Thor, dos quadrinhos e das obras cinematográficas da Marvel, além dos deuses Olímpianos que se tornaram super-heróis através dos quadrinhos e filmes do universo da *DC Comics*. Outros povos antigos que constantemente têm sua mitologia explorada através de outras mídias são os egípcios que, diferente dos já citados, são oriundos do continente africano. Esse fato pode nos fazer pensar que, mesmo que seja de um povo só, a mitologia africana é, assim como a europeia, explorada dentro das obras de ficção. Contudo, a visão eurocêntrica com a qual a maior parte dos autores aborda a cultura egípcia acaba gerando um fenômeno conhecido no cinema como *whitewashing*, que consiste em tratar de personagens que previamente existiram, ou foram pensados para serem de uma etnia específica, mas ao serem adaptados para o cinema, são interpretados por atores brancos. É por esse embranquecimento que os povos egípcios, muitas vezes, passam quando têm suas histórias ou mitos levados para outras mídias, principalmente o cinema, onde na maior parte das obras são interpretados por atores e atrizes brancas. Tem-se como exemplo o filme *Cleópatra*, de 1963, onde a rainha egípcia é interpretada pela atriz Elizabeth Taylor, uma mulher branca. Esse branqueamento do povo egípcio é algo histórico que vai além das obras fictícias, como aponta Anderson Ribeiro Oliva:

Como podemos refletir acerca da relevância da história africana a partir da brancura irrefletida de Cleópatra nos cenários imaginários e físicos de Hollywood? Aqueles que atribuem à rainha egípcia uma exclusiva ascendência macedônica, branca e europeizada compartilham a mesma visão de história daqueles que negam ou se silenciam sobre uma identificação africana do antigo Egito? Em parte, essa é uma questão epistemológica que se reflete ora nos silêncios discursivos sobre o assunto, ora nos discursos racistas ou eurocêtricos, que continuam a desafricanizar o antigo Egito. Esse é o nosso ponto de inquietude. (OLIVA, 2017, p.30).

*A Cientista Guerreira do Facão Furioso* é um exemplo de que, assim como com as culturas europeias, é possível criar narrativas de fantasia e ficção científica ao explorar culturas de diferentes povos, como os lorubás. Porém, é importante que esses temas sejam abordados com respeito e responsabilidade, diferente do que muitas vezes é feito com a mitologia egípcia. Talvez nem tudo precise ser abordado através de um ponto de vista eurocêntrico, podendo haver espaço para outras perspectivas, outras histórias e outras formas de representação.

## 10 JOÃO AROLÊ: O CAÇADOR CIBERNÉTICO E O GRUPO REBELDE

A quarta etapa da Jornada do Herói é conhecida como “Encontro com o Mentor”. Nessa etapa da história, o protagonista recebe a ajuda de um mentor que irá prepará-lo para a aventura que virá a seguir. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* é possível identificar não somente um, mas diversos mentores que oferecem ajuda à Jamila no decorrer de sua jornada, diferente do que acontece com Luke Skywalker, por exemplo, que a tem sua figura de mentor concentrada em Obi Wan Kenobi e posteriormente em Yoda, ou Harry Potter, que apesar de possuir diversos professores em Hogwarts, tem Dumbledore como mentor principal. Jamila recebe apoio de diversos personagens ao mesmo tempo, fazendo com que essa figura de mentor na narrativa se alterne entre personagens como João Alorê (*O Caçador Cibernético da Rua 13*), os membros do grupo rebelde Ixoté (principalmente Nina Onixé e Joana Adelana) e Mãe Maria de Ossaim. Aproveito a menção a esses personagens para citar a sexta etapa da Jornada do Herói, chamada de “Provações, aliados e inimigos”. Nessa etapa, o protagonista passa por vários desafios e aprendizados durante a narrativa. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, é nesse momento que Jamila descobre que Pedro Olawuwo, seu principal rival, responsável por praticar bullying com ela, está prestes a se tornar seu maior inimigo fora dos muros da escola também. É para enfrentar a ameaça poderosa que Pedro se tornou e aprender a controlar seus poderes que Jamila se junta a João Alorê e aos Ixoté, um grupo de rebeldes *emí-ejé*, que se uniram para lutar contra os anseios de dominação social das grandes corporações de Ketu Três. Ao lado dos seus novos aliados do grupo Ixoté, Jamila vai embarcar em uma aventura de autoconhecimento enquanto tem que lidar com monstros originados de espíritos de aparelhos tecnológicos, perseguição de grandes corporações e um inimigo sedento por vingança.

## 11 O FANTÁSTICO E DIVERSO MUNDO DE KETU TRÊS

O “Cruzamento do Limiar” é a quinta etapa da Jornada. Nessa etapa, o herói deixa para trás de forma definitiva o mundo “comum” em que vivia para embarcar em um mundo fantástico aonde a história irá se passar. Em *Harry Potter*, isso acontece

no momento em que ele vai para a escola de magia de Hogwarts. Na primeira trilogia de Star Wars, acontece quando Luke Skywalker deixa o pacato planeta de Tatooine e embarca em uma aventura espacial para se tornar um Jedi. Essa talvez seja uma das etapas mais identificáveis em incontáveis obras do gênero de fantasia. Na jornada de Jamila, esse cruzamento é feito de uma forma diferente, tendo em vista que a protagonista já estava inserida na realidade fantástica de Ketu Três. O que realmente muda na vida da personagem é sua rotina, que até então era a de uma menina comum, que de uma hora para outra desperta superpoderes e se vê embarcando em uma agitada e perigosa jornada. O cruzamento do limiar aqui não acrescenta quase nenhuma novidade fantástica para a realidade da protagonista, que já vive em um mundo fantástico. Contudo, sua vida comum passa por diversas mudanças significativas após esse cruzamento.

Existe uma diversidade enorme de elementos fantásticos elaborados pelo autor para criação de Ketu Três. Além da mitologia e religião iorubá, que caracteriza a espiritualidade da sociedade da grande metrópole e dos humanos com superpoderes *emí-ejé*, Kabral trouxe para compor o principal cenário da história um leque enorme e criativo de tecnologias futuristas. Alguns elementos podem até parecer clichês para o gênero de ficção científica, como carros voadores, hologramas, supercomputadores, robôs ou humanos com componentes cibernéticos em seus corpos, como João Alorê, que possui um braço robótico e um olho biônico. Contudo, Kabral encontra uma forma criativa de justificar o funcionamento das tecnologias nesse mundo. Em Ketu Três, as tecnologias são movidas pela energia de fantasmas e espíritos ancestrais, fazendo uma mescla entre ciência e sobrenatural para dar vida aos elementos fantásticos da metrópole.

Mas não somente a tecnologia de Ketu Três vem de um misto entre elementos de ficção científica pré-estabelecidos com formas criativas e inventivas de criá-los ou inová-los. A estética dessa fantástica metrópole se inspira, como diversas obras do gênero, em um cenário urbano, com prédios, casas e estradas mesclando essa infraestrutura com os mais diversos elementos futuristas e tecnológicos que os autores possam imaginar. O que podemos considerar aqui como um diferencial em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* é que todo esse cenário urbano criado por Kabral foi pensado a partir de uma perspectiva negra, e é possível enxergar elementos estéticos ligados ao povo negro e suas raízes africanas por todos os

cantos de Ketu Três, como nesse trecho do livro em que Jamila descreve o que ela vê ao olhar pela janela ao acordar de manhã:

(...) Ketu Três: uma infinidade de prédios grafitados brotava por entre as ruas; arranha-céus espelhados mais lá no fundo, casas flutuando lá no alto; árvores nas ruas, nas calçadas, nos prédios, nas florestas imensas dos parques; folhas verdes cobrindo todas as paredes; trânsito de carros voadores, e de pessoas voadoras também; trilhos antigravitacionais com trens apressados, propagandas holográficas dançando no ar, e, acima de tudo, um monte de gente bonita, tranças, *dreads*, *black power*, roupas coloridas, trajes brancos, saias enormes, chapéus, gorros, fios de conta e pulseiras, peles pretas, peles marrons, das tonalidades mais claras às mais escuras, todos com traços de descendentes do Continente Ancestral; era o povo melaninado, os seres humanos deste mundo novo em que vivemos. (Kabral, 2019, p.17)

Todos esses elementos usados por Kabral para compor a estética visual de Ketu Três podem ser considerados uma quebra de padrão. Aspectos culturais que remetem à cultura negra, como vimos nos capítulos anteriores, são constantemente ignorados e apagados pelos autores em quase todas as obras de fantasia/ficção científica. Sendo assim, eu penso que ainda que *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* possua vários elementos comuns a diversas obras desse estilo, a jornada de Jamila também funciona como uma narrativa de subversão do gênero a partir do momento que Kabral decide criar um mundo fantástico e futurista de um ponto de vista negro, explorando elementos culturais que grande parte dos outros autores exclui de suas obras.

## 12 A BELEZA NEGRA E A RUPTURA DOS PADRÕES DE BELEZA

Assim como na literatura, como vimos anteriormente, a branquitude brasileira sempre procurou formas de apagar o negro da sua sociedade e história. Não apenas a cultura do negro foi marginalizada e tratada como inferior, isso se estendeu à estética carregada pelos corpos negros. O ideal brasileiro era um padrão estético branco e europeu, sendo um dos motivos por trás da grande migração europeia para o Brasil logo após o fim do período de tráfico de pessoas escravizadas em meados de 1850, como aponta Rhaul de Lemos Santos:

A vinda dos imigrantes para o Brasil não tinha apenas o objetivo de substituir a mão de obra escravizada negra, a intenção de convencer esses

imigrantes de saírem da Europa e virem para o país estava ligada também a questão do branqueamento da população brasileira. (SANTOS, 2018, p.05).

Esses ideais de branqueamento e superioridade dos traços estéticos europeus se tornaram mais uma ferramenta de opressão e exclusão social em cima da negritude brasileira. O resultado dessa imposição estética foi a criação de um equivocado padrão de beleza, com o objetivo de reforçar uma falsa superioridade racial de brancos sobre negros. A criação desses padrões levou a sociedade negra a tentar de alguma forma se encaixar em um padrão estético branco para ser aceita socialmente, como afirma Rhaul de Lemos Santos:

Assim, com a ascensão e a mobilidade do imigrante europeu no país, é estabelecido um modelo de brancura. Desta forma, os/as negros/as passaram a seguir às imposições criadas para os seus corpos, para se sentirem integrados/as a sociedade brasileira, começaram almejar o modelo social hegemônico estipulado, acreditando que copiando a branquidade existiria possibilidade de ascensão social. (SANTOS, 2018, p. 06).

Essa imposição de um padrão de beleza branco e europeu causou uma influência social tão poderosa que se mantém viva até hoje no imaginário social brasileiro, ainda que, desde a época em que esses padrões foram inventados, tenham surgido inúmeras tentativas de combatê-los através da “intelectualidade negra que ganhava força no início do século XX” (SANTOS, 2018, p. 06). Foi a partir dessas forças de resistência negra que movimentos surgiram com o objetivo de desmistificar a suposta superioridade da estética branca europeia e criar um empoderamento negro capaz de reforçar a autoestima das pessoas negras para que elas passassem a enxergar a beleza em seus corpos. Tarefa extremamente complicada de ser feita em meio a uma sociedade racista e imersa nos processos de branqueamento. Contudo, hoje em dia é possível enxergar os resultados de tanta luta, pois o processo de aceitação da estética negra, dos cabelos crespos, das feições negróides e das tonalidades de pele está aos poucos ganhando espaço na sociedade, por mais que a luta contra a imposição dos padrões europeus provavelmente ainda vá se estender por muito tempo.

Quando falamos de combate a opressões, incluindo opressões estéticas, é relevante ressaltar a importância do Afrofuturismo nessa luta. O movimento afrofuturista, que como já vimos, também se manifesta atrás da moda, sempre procurando elevar a estética negra a um papel de destaque, tornando os corpos

negros um símbolo de beleza, elegância e estilo. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, Kabral expõe esse empoderamento negro reforçando a todo o instante a beleza dos habitantes de Ketu Três, descrevendo de forma detalhada suas características negras como fator crucial para a sua beleza. Na fantástica metrópole de Ketu Três, o padrão de beleza é negro, porém a existência desse padrão procura não excluir, pelo menos esteticamente, ninguém. Isso porque a grande metrópole possui uma sociedade negra diversa com peles de várias tonalidades diferentes, pretas e marrons de tons mais claros a tons mais escuros.

Ainda sobre o empoderamento e a ruptura dos padrões estéticos inseridos por Kabral na obra, é interessante ressaltar também a posição de poder que o autor deu aos personagens mais retintos da narrativa. Em Ketu Três há uma inversão de lógica de poder, onde as pessoas negras de pele mais escura são as que possuem maior prestígio social e são as detentoras do maior poder econômico. Essa realidade trazida pelo autor ao romance faz um contraste com a nossa realidade na qual quanto mais retinta for e mais traços negróides a pessoa possuir, mais suscetível ela está de sofrer racismo. Outra inversão de lógica social trazida pelo autor da obra é a forma como ele descreve as personagens gordas da trama, ressaltando sempre sua beleza, deixando implícito que a idealização do corpo perfeito de deus grego, visto como o padrão a ser alcançado pela sociedade em que vivemos, não condiz com os padrões estéticos da sociedade de Ketu Três.

### **13 A INICIAÇÃO E O FACÃO DE OGUM**

As etapas sete e oito da Jornada do Herói são conhecidas como “Aproximação da Caverna Oculta” e “Provação”, respectivamente. Na etapa conhecida como “Aproximação da Caverna Oculta”, o herói chega ao momento mais perigoso e que lhe causa mais medo em sua jornada. A etapa da Provação diz respeito ao momento em que o herói enfrenta seu grande inimigo; nessa etapa é importante que o herói morra - mesmo que de forma metafórica - para que então ele possa renascer para enfrentar seu inimigo em um confronto final, após um momento de reflexão e amadurecimento. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, essas duas etapas acontecem quase que de forma simultânea, pois é no momento em que o grande vilão invade a base secreta do grupo Ixoté e ataca Jamila e seus amigos

que a protagonista se sente acuada e derrotada por seu inimigo, tendo a fuga como única alternativa para escapar com vida.

Após escapar ferida e derrotada, carregando consigo o facão de Ogum, arma construída por ela ao lado de Nina Onixé, Jamila acorda desnorteada e sozinha em uma densa floresta. Depois de muito tempo andando pela mata, a protagonista desmaia de cansaço, acordando horas depois no terreiro<sup>26</sup> de Mãe Maria de Ossaim, uma lalorixá<sup>27</sup>, que habita as profundezas do Parque das Águas Verdes. O encontro de Jamila com Mãe Maria marca o começo do processo de iniciação da heroína, uma espécie de ritual sagrado que fará com que ela se conecte a seu pai, o Orixá Ogum e, assim, seja digna de usar seu facão. Esse momento da narrativa pode ser relacionado à nona etapa da Jornada do Herói, conhecida como "Recompensa", que é quando o herói confronta seus medos e é recompensado por isso. Essa recompensa pode ser representada tanto na forma de um objeto, quanto na forma de aprendizados e reconhecimento. Para Jamila, essa recompensa é representada de ambas as formas, pois além de se tornar digna de usar o facão de Ogum após seu processo de iniciação, a protagonista também acaba passando por um processo de aprendizado sobre si mesma, sendo a permissão divina de Ogum para que ela possa empunhar o facão uma forma de reconhecimento do Orixá pela trajetória de superação passado por sua filha humana.

## 14 O FIM DA JORNADA

Conhecida como "O caminho de Volta", a décima etapa da Jornada do Herói é a etapa onde o herói retorna à sua realidade após ser derrotado, sabendo que agora aprendeu com sua derrota e precisa enfrentar seu inimigo mais uma vez. Em *Harry Potter* é possível enxergar essa etapa de forma bem explícita, quando no último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, o protagonista retorna da "morte" fortalecido para enfrentar o grande vilão da história, Lord Voldemort, uma última vez. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, após passar pelo processo de iniciação que lhe permitiu se conectar a seu Orixá, Jamila, também passa por um longo período de aprendizado sobre si mesma e sobre como controlar seus poderes,

---

<sup>26</sup> Local onde as cerimônias das religiões de matriz africana são realizadas. Funcionam como templos sagrados, assim como as igrejas para as religiões cristãs.

<sup>27</sup> Lalorixás, também conhecidas como mães de santo, são sacerdotisa de um terreiro, seja ele de Candomblé, Umbanda ou Quimbanda.

somente depois disso que a protagonista se despede de Mãe Maria e deixa a floresta, retornando para a área urbana de Ketu Três.

É quando retorna para a sua antiga realidade que Jamila passa pelo seu momento de “Ressurreição”, décima primeira etapa da Jornada do Herói, momento em que o herói retorna ao seu mundo e precisa enfrentar seu inimigo em uma batalha final, onde ele aplicará todos os aprendizados que teve durante a sua jornada. É ao conseguir a sua vitória que o herói “renasce” transformado e amadurecido. Essa talvez seja a etapa mais comum da Jornada do Herói, a mais facilmente detectável em inúmeras obras. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, Jamila tem seu confronto final com o grande vilão da história, assim como Harry Potter que tem seu confronto final contra Lord Voldemort ou Luke Skywalker com Darth Vader.

A última etapa da Jornada do Herói se chama “Retorno com o Elixir” e diz respeito ao momento que o protagonista retorna ao seu mundo comum, carregando consigo uma recompensa pela sua jornada. Essa recompensa pode aparecer de diversas formas, desde a aquisição de mais conhecimento pelo protagonista, até a conquista de liberdade. Em *Harry Potter*, por exemplo, após completar sua jornada e derrotar o grande vilão, Harry finalmente se vê livre das perseguições de Lord Voldemort. Isso não só traz liberdade a ele como também beneficia o mundo bruxo que se vê livre da ameaça que o vilão representava. Em *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, Jamila Olabamiji também tem a liberdade como uma de suas recompensas, já que finalmente se vê livre de seu inimigo, além de descobrir os segredos por trás de si mesma. Contudo, a história do romance deixa a jornada da protagonista sem um desfecho final, dando a entender que haverá mais livros dessa saga que se iniciou com *O Caçador Cibernético da Rua 13*, deixando entreaberto o fim da Jornada da Heroína filha de Ogum.

## 15 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado ao decorrer deste trabalho, a literatura brasileira historicamente representa uma sociedade branca e heterossexual. Sendo assim, grande parte da literatura nacional de ficção aborda suas narrativas a partir do ponto de vista eurocêntrico de seus autores e autoras. O resultante disso foi um quase

apagamento da identidade negra e não heterossexual brasileira da nossa literatura. Como visto também, a literatura estadunidense passou por um fenômeno parecido, fato esse que instigou Mark Dery a escrever seu ensaio “*Black to the Future*” e a criação do termo *Afrofuturismo*. No caso específico da literatura fantástica e de ficção científica, então, esse apagamento aparece por meio da completa extinção de pessoas não brancas e não heterossexuais em futuros especulados por muitos autores. Sendo assim, as obras afrofuturistas acabaram se tornando raros exemplos de narrativas que exploram a participação do negro, sua cultura e a diversidade sexual no campo da ficção científica e fantástica.

As obras afrofuturistas, ainda que sejam poucas, acabam tendo um papel significativo em trazer diversidade para a literatura, assim como apresentar pontos de vista diferentes da maior parte das histórias que são consumidas pela nossa sociedade, imersa na cultura popular, folclore e mitologias europeias. Além disso, o Afrofuturismo tem um papel importante no que diz respeito à representatividade, visto que é nesse gênero literário que aqueles personagens que na maior parte das obras não existem, são estereotipados, ou meros coadjuvantes, ganham status de protagonistas.

Em relação à obra analisada neste trabalho, *A Cientista Guerreira do Facão Furioso*, a escolhi justamente por ela ilustrar com exatidão o que eu pretendia investigar nessa pesquisa, as inúmeras possibilidades de como a cultura afro-brasileira pode contribuir para a diversidade na literatura nacional, se mais oportunidades forem dadas a escritores não brancos de publicarem suas histórias. Também por esse motivo decidi analisar a jornada da protagonista por meio da *Jornada do Herói* criada por Joseph Campbell e tecer comparações com obras consagradas da literatura e do cinema como Harry Potter e *Star Wars*. Meu principal objetivo com isso era mostrar que apesar de seguir à risca alguns passos da teoria de Campbell e subverter outros, a jornada da personagem Jamila Olabamiji se torna uma narrativa única e nada clichê a partir do momento que o protagonismo é dado a uma personagem negra, homossexual e sua cultura, em uma história contada a partir do ponto de vista negro e que se passa em um futuro onde pessoas negras existem.

Como observado ao decorrer desse trabalho muitas manifestações artísticas que possuem “características *afrofuturistas*” foram criadas antes mesmo de Mark Dery elaborar esse conceito. Ou seja, ainda que Dery, um homem branco, tenha

conceituado o termo Afrofuturismo, a essência do que realmente esse conceito é foi criada e construída por pessoas negras, por meio de suas obras. Mas ainda que tenha “apenas” criado um termo, os devidos créditos às manifestações afrofuturistas só começaram a aparecer depois de *Black to the future*. O reconhecimento a obras como *Pantera Negra* (2018) e *Black is King* (2020) da Beyoncé, só vieram depois que um homem branco decidiu chamá-los de Afrofuturismo.

Ao tentar encerrar esse trabalho, um questionamento que ficou em meus pensamentos após todo estudo e pesquisa sobre Afrofuturismo, e que talvez possa ser o tema de pesquisas futuras, realizadas por mim ou por qualquer pessoa negra que encontre relevância nisso, é: há a necessidade de se criar um novo termo para representar as obras que especulam futuros negros? Mesmo que Dery e a palavra Afrofuturismo acabem fazendo parte da história desse tipo de manifestação artística, o que eu sinto é que talvez seja preciso que as criações inteiramente negras sejam reconhecidas independentemente do envolvimento ou não de pessoas brancas nessa criação. Quem sabe assim, em um futuro especulado por mim, as pessoas não brancas possam ganhar seus devidos créditos por suas contribuições para a humanidade, pois sabemos que já lhes foi negado a autoria de quase tudo.

## REFERÊNCIAS

- BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018. DOI: 10.11606/extraprensa.2018.148025. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025>. Acesso em: 09 set. 2021.
- BOND, S. E.; CHRISTENSEN, J. The Man Behind the Myth: Should We Question the Hero's Journey? **Los Angeles Review of Books**, Los Angeles, Ago. 2021. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/the-man-behind-the-myth-should-we-question-the-heros-journey/>. Acesso em: 06 Out. 2021.
- BUCHAUL, S. V. K. Harry Potter e a jornada do herói: receita do sucesso das literaturas de massa. **IV ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes)**, Campos dos Goytacazes, Ago. 2009. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/1742/927>. Acesso em: 9 set. 2021.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Pensamento, 1989.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>. Acesso em: 09 set. 2021.
- DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. **Flame Wars: the discourse of cyberculture**. Durham e Londres, 1994. Disponível em: <https://www.uvic.ca/victoria-colloquium/assets/docs/Black%20to%20the%20Future.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.
- DIAS, J. C. N.; RODRIGUES, M. S. Por uma genealogia do Afrofuturismo. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, São Luís, v. 4, n. 7. 2021. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15334/8816>. Acesso em: 9 set. 2021.
- DUARTE, E. DE A. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, 25 mar. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 9 set. 2021.
- FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Das Questões**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.26512/das-questoes.v6i6.18706. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>. Acesso em: 9 set. 2021.

JORNALISMO, Alma Preta. Trocando uma Ideia | Kênia Freitas. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4Pg-pfb9C8>. Acesso em: 13 set. 2021.

KABRAL, Fábio. **A Cientista Guerreira do Facão Furioso**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

KABRAL, Fábio. Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO. **Fábio Kabral**, 2020. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo/>. Acesso em: 13 set. 2021.

KABRAL, Fábio. “Heróis com rosto africano são cura para o nosso trauma histórico”. [Entrevista concedida a] CartaCapital. **CartaCapital**, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/herois-com-rosto-africano-sao-cura-para-o-nosso-trauma-historico/>. Acesso em: 13 set. 2021.

KABRAL, Fábio. MACUMBAPUNK: Uma nova proposta de ficção especulativa. **Fábio Kabral**, 2020. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/16/macumbapunk-uma-nova-proposta-de-ficcao-especulativa/>. Acesso em: 13 set. 2021.

KABRAL, Fábio. **O Caçador Cibernético da Rua Treze**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

LIMA, R. Afrofuturismo: A construção de uma estética [artística e política] pós-abissal. **Book of Abstracts of the 7th AfroEuropeans Network Conference: Black In/Visibilities Contested**, Lisboa, Jul. 2019. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/89163>. Acesso em: 9 set. 2021.

MÉRIAN, J.-Y. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 23 jun. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/3684/2834>. Acesso em: 09 set. 2021.

OLIVA, A. R. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 10, p. 26–63, 2017. DOI: 10.17648/rom.v0i10.18970. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/18970>. Acesso em: 9 set. 2021.

PASSOS, J. C. As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos. **EJA EM DEBATE**, Florianópolis, vol. 1, n. 1. nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/998/pdf>. Acesso em: 9 set. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PODCAST RESISTÊNCIA: Afrofuturismo, com Kênia Freitas.[Locução de]: Mônica Oliveira.[s.i.]: **Resistência**, 2020. *Podcast* Disponível em: <https://www.socialismocriativo.com.br/reistencia-o-afrofuturismo-imagina-futuros-possiveis-com-olhar-sobre-a-ancestralidade-e-o-presente/>. Acesso em: 13 set. 2021.

SANTOS, R. DE L. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. **X COPENE Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as**, Uberlândia, Out. 2018. Disponível em: [https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538362746\\_ARQ\\_UIVO\\_Copene.pdf](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538362746_ARQ_UIVO_Copene.pdf). Acesso em: 09 set. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Nova Fronteira, 2006.

YASZEK, L. "Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism and New Hollywood.". **A Virtual Introduction to Science Fiction**. Ed. Lars Schmeink. Web. 2013. Disponível em: [http://virtual-sf.com/?page\\_id=372](http://virtual-sf.com/?page_id=372). Acesso em: 09 set. 2021.